

**MULTILETRAMENTOS E GÊNEROS TEXTUAIS:
UMA ABORDAGEM DO GÊNERO MEME NO III CICLO
DA EJA EM IMPERATRIZ-MA**

Selma Maria Abdalla Dias Barbosa (UFT)

selmaabdalla@uft.edu.br

Jordana de Oliveira Brito (UFT)

jordanauema@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo, apresentamos o resultado de uma pesquisa interventiva e de cunho etnográfico, realizada em uma turma de 6º e 7º ano (III ciclo) da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola municipal, situada na cidade de Imperatriz-MA. A pesquisa tem como objetivo investigar em que medida o trabalho pedagógico com o gênero textual *meme* possibilita práticas de multiletramentos em aulas de Língua Portuguesa na EJA. Para subsidiar a intervenção proposta, revisamos alguns estudos aplicados a respeito dos gêneros textuais (MARCUSCHI, 2003), estudos do letramento e multiletramentos (SOARES, 2017; STREET, 2014; ROJO, 2012). As atividades desenvolvidas durante a pesquisa mostraram que a abordagem de memes em sala de aula pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades do letramento visual e crítico. Com o uso do aplicativo em sala de aula durante a produção dos textos aproximamos os alunos do letramento digital. Ao final do artigo, compartilhamos os resultados da atividade pedagógica de produção textual do gênero meme, analisando como os alunos se apropriam dos multiletramentos a partir do contato com o gênero. A atividade desenvolvida se configura como uma proposta que busca atender às exigências sociais de leitura e escrita contemporâneas.

Palavras-chave:

Multiletramentos. *Meme*. EJA.

ABSTRACT

In this article we present the result of an ethnographic and interventional research, conducted in a class of 6th and 7th grade (III cycle) of Youth and Adult Education (EJA) of a municipal school, located in the city of Imperatriz-MA. The research aims to investigate the extent to which pedagogical work with the meme textual genre enables multiliteracies practices in Portuguese language classes at EJA. To support the proposed intervention, we review some applied studies regarding textual genres (MARCUSCHI, 2003), literacy and multiliteracies studies (SOARES, 2017; STREET, 2014; ROJO, 2012). The activities developed during the research showed that the classroom meme approach can contribute to the development of visual and critical literacy skills. Using the application in the classroom during text production brings students closer to digital literacy. At the end of the article, we share the results of the textual production pedagogical activity of the meme genre, analyzing how the students appropriate the multiliteracies from the contact with the genre. The developed activity is configured as a proposal that seeks to meet the social requirements of contemporary reading and writing.

Keywords:
Multiliteracies. Meme; EJA.

1. Introdução

“Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.” (Paulo Freire)

A epígrafe deste artigo nos remete à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Pensar nessa modalidade de ensino é pensar em Paulo Freire, esse célebre educador que contribuiu de maneira expressiva para a valorização de uma parcela de estudantes marginalizados por inúmeras circunstâncias sociais.

A metodologia freiriana, de valorização dos conhecimentos que o aluno possui, vai ao encontro do que deve ser o trabalho com a EJA, já que o público dessa modalidade é representado pela heterogeneidade, o que torna as turmas repletas de riqueza social e cultural. Embora eles não tenham o saber escolar/teórico, possuem outros saberes, experiências que devem ser valorizadas e compartilhadas no contexto escolar.

Nessa perspectiva, compartilhamos uma experiência realizada em uma turma de III ciclo (6º e 7º ano) de uma escola da rede municipal da cidade de Imperatriz/MA. A atividade didática com o gênero meme foi desenvolvida com o objetivo de abordar o gênero digital em aulas de língua portuguesa e observar como os alunos se apropriam dos multiletramentos a partir da proposta de leitura e produção de memes.

Além desta Introdução, das Considerações Finais e das Referências, este artigo está organizado em três seções: O ensino de gêneros textuais na EJA; Letramento Digital e Cenários da intervenção pedagógica. Nessa última seção, compartilhamos a atividade didática de produção de memes e analisamos as habilidades dos multiletramentos presentes nos textos produzidos pelos alunos.

2. Gêneros textuais na EJA

A interação humana por meio da linguagem é uma prática social em que as pessoas consciente ou inconscientemente fazem uso dos gêneros textuais. Nesse sentido, Marcushi (2003, p. 3) afirma que “é impossível

vel se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto”. Logo, apresenta-se como compromisso e dever da escola “divulgar a linguagem como observável através dos gêneros textuais” e a importância dessa diversidade de textos na vida do cidadão.

Conforme a Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2002), é fundamental trabalhar textos pertencentes a diferentes gêneros, explorando as possibilidades que todos eles deixam em aberto. Assim, o ensino mediado por textos é também uma oportunidade de compartilhar modos de entender o mundo. Por isso, é importante que ao selecionar os textos, o professor considere o conhecimento prévio do aluno sobre o que será abordado. Não basta conhecer a estrutura ou categorização do gênero, é fundamental respeitar o grau de amadurecimento cognitivo do aluno.

Desse modo, uma das funções do texto na EJA deve ser diminuir a distância entre o estudante e a palavra, procurando eliminar possíveis traumas gerados com os processos de aprendizagem da leitura e da produção de textos, pois é comum que alguns alunos deixem a escola por encontrarem dificuldades nas atividades de leitura e escrita. É também muito frequente nessa modalidade, o retraimento de alguns alunos que deixam de participar das aulas, por causa da timidez e insegurança com o uso da língua. Por isso, o professor deve ajudá-los “a incorporar uma visão diferente da palavra para continuarem motivados a compreender o discurso do outro, interpretar pontos de vista, assimilar e criticar as coisas do mundo” (BRASIL, 2002).

De acordo com a PCEJA (BRASIL, 2002), a partir das atividades de leitura o aluno da EJA deve analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação dos textos: contrapondo sua interpretação da realidade a diferentes opiniões; inferindo as possíveis intenções do autor marcadas no texto; percebendo os processos de convencimento utilizados para atuar sobre o interlocutor/leitor; identificando e repensando juízos de valor tanto sócio ideológico (preconceituosos ou não) quanto histórico-culturais (inclusive estéticos) associados à linguagem e à língua.

É necessário portanto, promover atividades que possibilitem o desenvolvimento dessas habilidades, tão necessárias para que os alunos possam participar essencialmente, e de forma ativa, da construção dos significados da mensagem do texto. A relevância dos gêneros textuais na

EJA está na possibilidade de fortalecer a voz dos muitos jovens e adultos que retornam à escola, para que possam romper os silenciamentos impostos pelos perversos processos de exclusão do próprio sistema escolar, capacitando-os a produzirem respostas aos textos que escutam e leem, pronunciando-se oralmente ou por escrito.

3. Letramento digital

A função social da escola na atualidade é preparar o aluno para as novas exigências de leitura, escrita e participação crítica na sociedade. O letramento digital é definido por Freitas (2010, p. 339), como um conjunto de competências necessárias “para que um indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vinda de variadas fontes e apresentada por meio do computador-*internet*, sendo capaz de atingir seus objetivos”, muitas vezes compartilhados social e culturalmente.

Da mesma maneira que a alfabetização e o letramento escolar são necessários para a inclusão do indivíduo na sociedade, o letramento digital é importante por possibilitar que usuários da língua que fazem uso da tecnologia digital exerçam “práticas de leitura e escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel” (SOARES, 2012, p. 151).

As exigências para o letramento vão ficando cada dia mais complexas. Bortoni (2013), afirma que o letramento digital não pode ser mais entendido como um luxo a se acrescentar ao ensino, mas uma necessidade. Diante disso, reitera-se a importância de elaborar propostas de ensino que busquem atender as exigências sociais de leitura e escrita.

A inserção do letramento digital nas salas de aula, não deve ocorrer tratando a tecnologia como um fim, nem apenas uma ferramenta/suporte para o ensino. Por isso, a formação continuada é essencial, para evitar, por exemplo, que o professor condene o uso do livro impresso e adote o *tablet*, pois essa não é a proposta. Ainda não precisamos trocar o lápis e a caneta pelo teclado, mas devemos aceitar essa troca como algo previsto para um futuro próximo (COSCARELLI, 2017, p. 29).

Nesse sentido, Ribeiro (2009, p. 243) reitera que a escola precisa estar no mundo.

Os muros que separam pátios, salas de ruas e lanhouses não devem ter papel maior do que exteriorizar a ideia de fronteira, mas não a de limite. O lado de lá não pode ser tão diverso do lado de cá. Se existir essa diferença de maneira tão acentuada, tudo o que ficar lá fora parecerá mais atraente, já que mais movido por interesses reais. Se as simulações e situações forjadas não cederem lugar às propostas aplicáveis e às demandas que possam ser revertidas para ações no mundo, não haverá maior interesse na escola do que conseguir um diploma. E não é isso que queremos, certo? Se navegar é necessário, talvez seja o momento de o professor admitir que também precisa aprender, reinventar suas competências, desenvolver novas habilidades, inclusive relacionadas a novos ambientes de ler e escrever. (RIBEIRO, 2009, p. 243)

O autor enfatiza que precisamos compreender a tecnologia como parte de um momento histórico, além de estar interligada à formação e a construção do sujeito. Assim, o pessoal docente, em especial educadores e professores, precisa melhorar sua qualificação em termos de tecnologia. Para que isso aconteça, é preciso repensar a sala de aula, refletir sobre os ambientes de ensino/aprendizagem, reconfigurar conceitos e práticas.

3.1. Do letramento aos multiletramentos

Durante muito tempo, o termo letramento foi utilizado nas escolas com o mesmo sentido de alfabetização. Compreende-se, hoje, que são termos que estão associados, mas que não podem ser confundidos. Assim, a alfabetização é definida como a “aprendizagem inicial da leitura e da escrita”, já o letramento, faz-se num processo mais amplo, que caracteriza a linguagem como veículo de interação entre as pessoas e possibilita a expressão e compreensão de mensagens por meio das práticas sociais ligadas à leitura e a escrita (SOARES, 2015, p. 16).

Posteriormente aos estudos sobre letramento, surgiram as teorias e abordagens que ampliam o conceito e atualizam o foco do letramento levando em consideração o caráter múltiplo das práticas letradas, a partir disso, temos os letramentos. O termo torna-se plural, porque são em contextos sociais de uso da leitura e da escrita que se garante letramento aos sujeitos, assim, ensinar o aluno a ler e a escrever textos que só existem dentro da escola é apenas letramento escolar, é preciso oferecer situações reais de uso desses textos para que assim o aluno compreenda a função social deles.

O teórico Bryan Street (2014, p. 121), enfatiza que o surgimento do termo letramentos ocorreu por causa da “pedagogização do letramento”, por isso, a partir da concepção de que não só a escola exercia o poder

de letrar, o termo foi pluralizado. Diante disso, usamos “letramentos ou letramentos múltiplos” para nos referir às práticas de letramento que são “os modos culturais gerais de utilização do letramento aos quais as pessoas recorrem num evento letrado (CANNI; COSCARELLI, 2016).

A multiplicidade de textos, demanda do leitor uma transformação para lidar com os saberes no contexto escolar, essas exigências implicam mudanças sobre alguns conceitos de leitura e escrita. Esses novos conceitos exigem sujeitos ativos, aptos para desenvolver formas de interação e comunicação diversificadas. Diante disso, os letramentos tornam-se multiletramentos, pois são necessárias novas ferramentas – além das da escrita manual e impressa, as digitais: de áudio, vídeo, imagem, inseridas em diferentes contextos e meios de comunicação.

O conceito de multiletramentos, geralmente é confundido com letramentos (múltiplos). A pesquisadora Roxane Rojo (2012) demarca bem a diferença entre esses dois termos.

Diferentemente do conceito de letramentos (múltiplos), que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedades das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para os dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, 2012, p. 13)

Diante disso, os multiletramentos são importantes para possibilitar aos indivíduos a compreensão de tudo que os cerca, compreendendo a relação das práticas de escrita com o contexto social, político, e econômico e histórico em que estão inseridos. Para atender as demandas de ensino, os gêneros e textos que vão surgindo com a evolução das tecnologias de comunicação e interação, devem ser abordados na esfera escolar. Sabe-se hoje, que a preferência por textos eruditos ou literários não é garantia de qualidade no ensino.

A escola que prepara para os multiletramentos acredita que todo texto é uma possibilidade de qualificar o aluno para as “(multi)semioses emergentes da alta modernidade” (ROJO, 2012, p. 83). Nesse sentido, a pedagogia dos multiletramentos, propõe uma concepção de interpretação do mundo projetado por experiências transformadoras que valorizam as práticas sociais e a cultura do alunado. Conforme Canni e Coscarelli (2016, p. 23), pensar em multiletramentos é também pensar em multimodalidade, visto que “as diferentes semioses que veiculam o sentido do

texto demandam estratégias de navegação para uma melhor compreensão da mensagem”, assim, textos multimodais demandam multiletramentos para fazer significar.

3.2. O gênero textual meme

É inegável que a exigência do letramento digital e dos multiletramentos, “obrigou” a escola a repensar as práticas de ensino e facilitou a entrada dos textos de outras esferas sociais no âmbito escolar. O meme é um gênero textual imagético que começou a circular nas redes sociais na última década e suas mensagens apresentam humor, reflexões, críticas etc.

Pesquisadores da graduação em Estudos de Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF), afirmam que memes são ideias que se popularizam na sociedade (nossas redes sociais) e sustentam determinados ritos ou padrões culturais. Tomando isto como base, o “celibato”, a “castidade”, o “racismo”, o folclore, a moda, a gastronomia e praticamente tudo o que conhecemos no nosso ambiente cultural são memes. Dos *jeans* rasgados à tradição de cantar nas festinhas de aniversário “Parabéns a você”.

Os memes são textos próprios do espaço digital que apresentam uma configuração multimodal, ou seja, são constituídos por linguagem verbal e não verbal. Assim, a construção de sentidos é possível por meio da leitura da imagem e do texto escrito, permitindo várias construções de sentido. Com relação ao seu surgimento na internet, os estudiosos do assunto contam que o primeiro deles teria surgido em 2008, na comunidade artística devian e ficou conhecido como trollface, muito famoso principalmente nas redes sociais (CHAGAS, 2016).

Conforme Coelho (2014, p. 80), “através do humor, o sujeito tem sua voz democraticamente garantida, e principalmente imortalizada na memória metálica”. Nessa perspectiva, o gesto de produzir piadas, garante ao sujeito a possibilidade de dizer aquilo que não poderia ser dito em outras circunstâncias de enunciação e que ficará gravado na memória da máquina e passível de alterações, atualizações, ressignificações, outros efeitos de sentidos ao serem interpretados e lançados novamente na rede.

O professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) e coordenador do #MUSEUdeMEMES, Viktor Chagas, desmistifica a ideia de que o meme é apenas uma piada, segundo ele, “muitos trabalham com sátira

ou passam longe do humor”. Para além da piada, os memes são criados com determinados objetivos e função social.

Quadro 5 – As características recorrentes dos memes.

Objetivo	Conteúdo Proposicional	Forma	Função Social
Interagir com os participantes (re-presentados e interativos).	Registrar histórias sociais e culturais, contextos atuais.	Multimodal (incorporação de diferentes modos semióticos).	Mostrar ideologias sociais incorporadas.

Fonte: Guerreiro e Soares (2016, p. 192).

A pedagogia dos multiletramentos é responsável por considerar gêneros como esse, que por muito tempo foram vistos à margem do que se entendia por leitura, como textos significativos, atraentes e necessários ao ensino, pois sabe-se hoje que a riqueza e a diversidade textual podem e devem ser exploradas pelo professor.

Por ser um gênero digital, o meme configura a possibilidade de explorar a multimodalidade e multisssemiose dos textos, o que pode ser extremamente benéfico e positivo para o aluno e para o ensino, pois apesar de fazer parte do cotidiano dos usuários da internet, a interpretação desse tipo de linguagem pode não ser tão simples quanto parece. Além disso, o meme serve para trabalhar questões sociais que precisam ser discutidas em sala de aula e que podem ser tratadas por meio da leveza da leitura e análise dos textos, possibilitado assim, expandir o conhecimento letrado do aluno.

Os *memes* são, portanto, uma linguagem que encontra ampla repercussão em ambientes online, por esse motivo, a BNNC (2017, p. 67), alerta para a importância dos gêneros desprestigiados pela escola ao declarar que, “o que pode parecer um gênero menor (no sentido de ser menos valorizado, relacionado a situações tidas como pouco sérias [...]”, na verdade, pode oportunizar “o domínio de modos de significação nas diferentes linguagens”. Diante disso, compreendemos que o entrelaçando verbal e visual, característicos dos memes, tem se constituído um terreno fértil para o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e para a formulação e circulação de sentidos.

4. Cenas da intervenção pedagógica

4.1. Turma colaboradora

Participaram desta pesquisa, 36 alunos do 3º ciclo B (6º e 7º ano). A turma apresenta uma diferença considerável entre as faixas etárias, pois alguns alunos estão retornando à escola depois de muitos anos longe da sala de aula, já outros, acabaram de migrar do ensino regular para o ensino supletivo por determinação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), que estabelece a idade mínima de 15 anos para ingresso no ensino fundamental modalidade EJA. Assim sendo, participaram desta pesquisa alunos com idade entre 15 e 65 anos.

4.2. Proposta de atividade didática: Raiz X Nutella

Todos nós, certamente já ouvimos de alguém com mais vivência frases como essas: “na minha época era melhor por isso e aquilo”; “no meu tempo era diferente”. Esse conflito geracional invadiu as redes sociais e se materializou em forma de meme, confrontando “Raiz” e “Nutella”. A representação de Raiz se dá pelo gosto do tradicional e autêntico, enquanto Nutella representa a modernização ou como alguns preferem chamar, “gourmetização”.

A gíria Nutella vem, obviamente, da renomada marca de creme de avelã conhecida em vários países ao redor do mundo, provavelmente, por ser um produto muito popular entre os jovens da classe média/alta. Logo, “geração Nutella” é utilizada para zoar e referir-se às crianças e aos adolescentes que cresceram em meio a tecnologia, à geração moderna/gourmet; aos ditos “frescos”. Por outro lado, a “geração raiz” é o exemplo a ser exaltado, é o jeito “certo” de ser ou fazer alguma coisa. É a maneira antiga ou tradicional de fazer algo (CHAGAS, 2016).

O meme consiste na comparação entre dois objetos, pessoas ou atividades, que se diferenciaram com o passar do tempo ou da maneira como são realizados. Por exemplo, as mães que eram mais duronas, que colocavam nomes simples nos filhos e davam castigos, como ficar de joelhos no milho, por exemplo, e aquelas mais modernas, que criam um “cantinho da disciplina” para crianças batizadas com nomes mais recentes. A comparação também é feita com as avós, como nos mostra o meme abaixo:



Fonte: Google.com

De acordo com André Fran (2018), diretor do projeto meme (Canal Futura), “nutella” representa o fenômeno da “gourmetização”, assim, “raiz” *versus* “nutella” seria uma comparação entre o simples em oposição ao requintado. O fenômeno gourmet demarca diferenças sociais, assim, tem-se um mesmo produto com um preço inacessível para uma camada da sociedade. Contudo, “raiz” não significa algo ruim, simples ou sem qualidade. Na verdade, raiz tem uma relação com aquilo que é tradicional, original e sincero. Segundo o pesquisador, o fenômeno “nutella”, evidencia a ascensão da classe C nos últimos anos, que provocou acesso a novos produtos e mudanças nos hábitos de consumo.

A proposta de atividade didática está em consonância com a ideia defendida por Dias (2012, p. 93), que ao abordar os desafios impostos aos professores que trabalham leitura e escrita na escola contemporânea, considera que “é fundamental que os alunos realizem atividades de autoria”, utilizando novas tecnologias/mídias. Da mesma maneira, Canni e Coscarelli (2016, p. 16), acreditam que a produção de materiais mais próximos da prática e da realidade dos alunos, pode auxiliar o professor a realizar um trabalho voltado para os multiletramentos. Para as autoras, “uma abordagem assim, implica repensar a informação de texto, trazendo para ela a noção de multimodalidade e trabalhando com situações comu-

nicativas variadas”. A nossa proposta de produção está pautada na diversidade cultural, que abordaremos por meio dos memes.

4.3. Atividade de produção de memes

Após conhecerem a proposta de produção, os alunos foram organizados em trio para que compartilhassem ideias e criassem o texto. A ideia de organizar os alunos em trio, foi pensada visando inserir os alunos que não possuem celular ou não tinham muita habilidade de navegação, para que em grupo pudessem ajudar uns aos outros. No primeiro momento, os grupos decidiram sobre o tema que iriam descrever como raiz e nutella, já que são muitas possibilidades de comparação. Esse momento de interação foi bastante proveitoso e divertido, pois os mais velhos puderam compartilhar experiências, costumes que são desconhecidos pelos mais jovens, assim como os mais jovens puderam relatar vivências e hábitos mais atuais.

Essa experiência serviu para mostrar que a diferença de idades, culturas, ideias, sonhos e experiências que compõe o público diverso da EJA, pode ser trabalhada de forma positiva, incentivando os mais jovens a ouvir relatos e experiências dos mais velhos sem desprezar ou dizer que é ultrapassado. Os alunos mais velhos, também precisam reconhecer que muitas coisas se transformam com o tempo e as coisas de hoje também têm seu valor. Após a escrita do texto inicial, fizemos a correção e revisão, para que o texto pudesse ser digitado. Como apenas três computadores do laboratório da escola estavam funcionando, optamos pelo uso do celular. Para criar os memes no celular, os alunos tiveram que baixar o aplicativo (gratuito) “Raiz vs Nutella”.²¹⁶

O aplicativo disponibiliza poucas figuras, por isso, os alunos optaram por pesquisar na internet imagens para criar os memes. Saber pesquisar/buscar na internet é importante, e essa habilidade normalmente não é trabalhada com os alunos. Lorenzi e Pádua (2012, p. 48), salientam que “os alunos precisam saber navegar, encontrar, selecionar informações relevantes para seus propósitos”. A seguir, mostramos alguns textos produzidos pelos alunos e analisamos os sentidos produzidos pela junção do texto verbal com as imagens selecionadas. Vale ressaltar que os temas

²¹⁶ Disponível em: <https://www.appannie.com/fr/apps/google-play/app/io.znc.raizvsnutella/>.

dos memes, assim como as imagens, foram escolhidos pelos estudantes

4.4. Textos produzidos

Texto 1.

ALUNO raiz	ALUNO nutella
	
<ul style="list-style-type: none">• caneta bic azul• lápis com borracha• caderno capa mole• sem corretivo• lanchava 3 vezes• respeitava os professores• tinha medo da diretora• assumia que não tinha estudado quando tirava nota ruim	<ul style="list-style-type: none">• canetas coloridas• grafite 0.5• um caderno p/ cada matéria• fita corretiva• não gosta do lanche da escola• tem ranço dos professores• tira sarro da diretora• ameaça processar o professor quando tira nota ruim
	<p><small>Foto no aplicativo Raiz vs Nutella - meme creator</small></p>

A imagem escolhida para representar o aluno “raiz”, evidencia a participação dos alunos mais velhos na criação do texto. Durante as oficinas de produção de memes, uma aluna falou que a marca registrada dos alunos antigamente eram fotografias como essas, “todo mundo tirava essa foto na escola”. Nesse caso, a percepção de “raiz” está relacionada ao que é antigo em oposição ao moderno, que é representado pela personagem Maria Joaquina da novela *Carrossel*. Ao relacionar a imagem com os materiais escolares que eram utilizados antigamente (caneta, caderno capa mole etc.), os autores sugerem que antes tudo era mais simples, isso fica evidente na fala de uma aluna que durante a elaboração do texto afirmou: “antigamente nós tínhamos o básico, e quando tinha”.

Em contraste, aparece na descrição do aluno “nutella”, a figura de uma menina rica que certamente teria muito mais que “canetas coloridas e fita corretiva”. O uso dos verbos no pretérito, *usava*, *lanchava*, *respeitava*, reforçam a ideia de “raiz” ser algo do passado/antigo e mostra que na percepção dos criadores, o aluno “raiz”, apesar de ter somente o básico, sabia respeitar professores e tinha responsabilidade, enquanto o aluno moderno tem “certos luxos”, mas não tem compromisso com a escola, e diz ter ranço dos professores.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Na leitura do *meme*, dentre outros conhecimentos, ativamos valores da época. Para os criadores do texto, a imagem do aluno “raiz”, “faz bater uma saudade da ordem e disciplina que existia nas escolas”. Em “nutella” temos a utilização da gíria “ranço”, muito comum nos dias atuais, que é o sentimento de repúdio, raiva ou desprezo que uma pessoa pode desenvolver por algo ou alguém, isso sugere que em alguns casos, não há mais respeito pela figura do professor. Para Canni e Coscarelli (2016, 44), a aplicação da multimodalidade exigida pelos multiletramentos, se configura no “estudo de textos explorando a construção de significados pela composição das muitas linguagens”. A produção do *meme*, mostra que, aos poucos, os alunos vão se apropriando dos multiletramentos.

Texto 2.

Aniversário raiz	Aniversário nutella
	
<ul style="list-style-type: none">• Festa em casa• Fotos com olhos vermelhos• Chapeu de papelão• Balões coloridos• Música da Xuxa• Letras de isopor• Bolo com recheio de goiabada• Brigadeiro, cajuzinho, balas• Pratinho de salgados no final da festa• Língua de sogra	<ul style="list-style-type: none">• Salão de festas• Fotografo profissional• Pulseira• Flores naturais e balões com gás hélio• Sertanejo• Letras de LED• Bolo sem glúten e sem lactose• Doces gourmet• Lembrancinhas
<p><i>Feito no aplicativo Raiz vs Nutella - meme creator</i></p>	

No texto 2, os alunos escolheram caracterizar “raiz” como algo antigo, tradicional e modesto, enquanto o “nutella” estaria ligado ao luxo e a modernidade. As imagens representam muito bem isso, em “raiz” temos a foto de uma festa de aniversário antiga, já em “nutella”, a foto é de uma festa atual e sofisticada. A oposição entre antigo e moderno fica evidente quando os autores citam as fotos com os olhos vermelhos, o que não é mais comum hoje, pois os celulares e câmeras modernas permitem

visualizar a foto no mesmo instante e apagar, refazer, modificar etc.

A simplicidade descrita no aniversário “raiz”, dá ideia de que apesar de tudo muito simples, as festas eram boas e as crianças se divertiam muito. Uma das criadoras do meme comentou que, nas festas de aniversário antigamente, “tudo era feito em casa, o bolo era preparado pela mãe, as tias ajudavam a enrolar os doces, a festa já começava nos preparativos”. Destaca-se nesse texto, a presença da memória afetiva dos autores que relacionam a simplicidade das festas da infância com a afetividade e união das famílias.

O aniversário “nutella” é descrito por coisas atuais e requintadas. O chapéu de papelão foi substituído pela pulseira, o tradicional saquinho com língua de sogra deu lugar a lembrancinhas sofisticadas. Há um esforço dos autores em mostrar que ao mesmo tempo em que é luxuoso, o aniversário “nutella” é também sem graça. Tudo muito chique, “gourmetizado”, coisas que não combinam com criança. Para os autores, “são festas em que tudo é muito arrumadinho, tem cara de casamento e as crianças não se divertem”.

Vale ressaltar que “raiz” versus “nutella” é, sobretudo, uma maneira de ver o mundo, as situações. Por isso não se pode dizer que uma pessoa mais velha seja “raiz” e alguém mais jovem seja “nutella”, pois é algo relacionado também com valores, sentimentos e comportamento. Desse modo, um jovem pode ser “raiz” e um idoso ser “nutella”.

Observamos nos textos produzidos pelos alunos que, para eles, o conceito de “raiz” e “nutella” vai além do confronto entre tradicional e moderno, antigo e contemporâneo. As comparações feitas por eles, são também, posicionamentos e formas de ver o mundo e as mudanças que ocorrem. Canni e Coscarelli (2016, p. 24) apontam que “é preciso que os alunos percebam as várias informações, valores e ideologias que são transmitidas pelas imagens e pelos recursos verbais presentes nos textos para agir criticamente sobre eles”.

O valor dessas discussões está para além da sala de aula, essa atividade configura uma oportunidade de falar de questões que nos afetam como pessoas e como cidadãos em uma “paisagem comunicacional” diversa e complexa, de leitura e, também, de participação por meio da escrita (RIBEIRO, 2013, p. 21).

Nessa perspectiva, a BNCC (2017) orienta que:

[...] a consideração dos novos e multiletramentos; e das práticas da cultura

digital no currículo não contribui somente para que uma participação mais efetiva e crítica nas práticas contemporâneas de linguagem por parte dos estudantes possa ter lugar, mas permite também que se possa ter em mente mais do que um “usuário da língua/das linguagens”, na direção do que alguns autores vão denominar de designer: alguém que toma algo que já existe (inclusive textos escritos), mescla, remixa, transforma, redistribui, produzindo novos sentidos, processo que alguns autores associam à criatividade. (BRASIL, 2017, p. 70)

O trabalho com gêneros textuais precisa partir da compreensão de que por menor que seja, todo texto é o resultado de uma “trama de vozes, desde os gêneros mais simples até os mais complexos, existem muitas vozes que precisam ser identificadas, e por trás dessas vozes há valores, princípios, modos de ver o mundo etc.”, que se manifestam por meio da multissemiose dos textos em circulação (CANNI; COSCARELLI, 2016).

Precisamos levar para a sala de aula, práticas pedagógicas que abordem esse caráter multissemiótico dos textos, ensinar nossos alunos a ler imagens, ler nas entrelinhas, produzir textos multimodais e se posicionar por meio da linguagem de forma crítica, ética e responsável, tanto no mundo real, quanto no mundo virtual. Essa a proposta deve orientar não só a EJA, mas todas as modalidades de ensino, educar para a diversidade e pluralidade de ideias.

5. Considerações finais

A partir da atividade didática elaborada para a abordagem do gênero meme, apresentamos a possibilidade de trabalhar na perspectiva dos multiletramentos, considerando o aluno sujeito de seu próprio dizer/fazer, protagonista de seu percurso de aprendizagem. As atividades de leitura e produção de memes serviram para os alunos observarem que nesses textos a linguagem e a imagem complementam-se para constituir e dar sentido ao texto.

Por ser um gênero digital, o meme configura a possibilidade de explorar a multimodalidade e multissemiose dos textos, assim, a abordagem dos memes pode ser extremamente benéfica e positiva para o aluno e para o ensino, pois apesar de fazer parte do cotidiano dos usuários da internet, a interpretação desse tipo de linguagem pode não ser tão simples quanto parece.

As atividades desenvolvidas mostraram a importância de inserir novos gêneros textuais no ensino e compreender como o gênero meme

pode contribuir com as práticas de leitura do não verbal. Na atividade de produção textual, observamos como os alunos se apropriam dos multiletramentos a partir de propostas de ensino que priorizam os textos multimodais.

Por fim, destacamos a importância de práticas pedagógicas que abordem esse caráter multissemiótico dos textos e possibilitem ao aluno ler imagens, ler nas entrelinhas, produzir textos multimodais e se posicionar por meio da linguagem de forma crítica, ética e responsável, tanto no mundo real, quanto no mundo virtual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília: MEC, 2017.

_____. *Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série*. v. 2. Brasília: MEC/SEF, 2002.

CANI, J. B.; COSCARELLI, C. V. Textos multimodais como objetos de ensino: reflexões em propostas didáticas. In: KERSCH, D. F.; COSCARELLI, C.V; CANI, J. B. *Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem*. Campinas-SP: Pontes, 2016. p. 15-46

COSCARELLI, C.V; RIBEIRO. A. E. *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale, 2017.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KERSH, D. F.; COSCARELLI, C. V.; CANI, J. B. (Orgs). *Multiletramentos e Multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem*. Campinas/SP: Pontes, 2016.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e práticas de alfabetização na escola. In: Kleiman, A. B. (Org.). *Os Significados do Letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* São Paulo: Produção, 2005.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

LORENZI, G.C.C; PÁDUA, T. W. Blog nos anos iniciais do fundamental I. In: ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). *Multiletramentos na Escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 35-54

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. In: *Revista Verso e Reverso*, 2014, V. 28, n. 68, p.117-27, ISSN 1806- 6925. Acesso em 26 mar. 2017.

RIBEIRO. Ana Elisa. *Textos Multimodais: leitura e produção*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2016.

_____. Kd o prof? Tb foi navegar? JÚNIOR, Adail Sebastião Rodrigues *et al.* In: *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. 2. ed. Rio de Janeiro: Singular, 2009.

ROJO, Roxane Helena R. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão dos métodos*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014.